



# Um marco nas relações entre os povos

*O bicentenário da colonização alemã no Brasil, celebrado neste ano, salienta as contribuições dos imigrantes para a socioeconomia em todas as regiões nacionais. No monumento: “Em memória dos ancestrais”.*



# De sede da Real Feitoria a Casa do Imigrante

*Com a chegada dos primeiros imigrantes à atual São Leopoldo, em 25 de julho de 1824, teve início o processo de colonização do Rio Grande do Sul com alemães*

**E**m 25 de julho deste ano, e ainda em meio aos esforços para restabelecer um mínimo de normalidade na rotina dos gaúchos após as fortes chuvas da reta final de abril e registradas ainda em maio, que provocaram a maior enchente da história no Estado, transcorreram os 200 anos desde a chegada dos primeiros imigrantes alemães ao território gaúcho. Ao longo dos meses que antecederam a data, organismos públicos e privados, entidades e instituições buscaram promover eventos e momentos para celebrar essa efeméride e dimensionar o legado advindo da colonização.

Desde julho de 2023, a **Gazeta do Sul** desenvolveu um projeto editorial voltado a recuperar e a salientar as marcas dos imigrantes alemães em todo o Rio Grande do Sul, bem como em outras regiões nacionais. Esse esforço, que resultou em mais de 50 edições semanais da série, culmina com este suplemento especial. Estava previsto num primeiro momento para julho, mas circula agora ainda em virtude dos reflexos das enchentes e da culminância, naquele mês, também do Dia do Colono e do Motorista, data forte em todo o Vale do Rio Pardo.

O bicentenário da presença germânica no Sul do Brasil impreterivelmente sinaliza para São Leopoldo. E naquela cidade e na região os profissionais da **Gazeta**, em mais de uma ocasião, levantaram informações valiosas, que envolveram entrevistas especiais com pesquisadores, professores e especialistas das mais variadas áreas. O professor Martin Dreher acolheu a **Gazeta** em duas ocasiões para conversas sobre as principais marcas deixadas pelos germânicos.

Ele enfatizou a atenção dada à união de forças, através do associativismo e do cooperativismo, para a resolução de problemas comuns. Afir-



Hoje Casa do Imigrante, esta construção, em São Leopoldo, acolheu os primeiros alemães que chegaram àquela colônia em 1824

nal, os alemães foram agrupados em pequenas propriedades, e nelas iriam cultivar a terra, tanto para a produção de alimentos de subsistência quanto para abastecer centros próximos. No caso, o principal mercado seria Porto Alegre, situado não muito distante, e possível de ser acessado pelo Rio dos Sinos. A produção agrícola, e a transformação dela através dos primeiros movimentos de industrialização, foi uma marca saliente.

E, uma vez que já eram centenas ou milhares de alemães residindo naquela área, na qual seguiam falando a sua língua, e ainda pouco familiarizados com o português, também preservaram hábitos, costumes e tradições. Isso foi intensificado com a constituição das primeiras escolas (inclusive em casas de colonos) e a reunião para expressar a sua fé e a sua religiosidade. Nesse caso, tem-se a marca da religião protestante no Estado, uma vez que muitos colonos eram luteranos.

## Uma colônia que só cresce

Se às margens do Rio dos Sinos acomodaram-se os primeiros imigrantes alemães, ao longo de 1824 e nos meses e anos seguintes, sucessivas levas de colonos se estabeleceram em novas linhas, picadas e colônias, organizadas por iniciativa pública ou mesmo em empreendimentos privados, nas áreas próximas. Assim, gradativamente, os alemães chegavam ao sopé da Serra Geral e subiam pelos vales em direção à parte de cima. As áreas que posteriormente resultariam em Nova Petrópolis, e também Gramado e Canela, foram sendo ocupadas e passaram a ganhar a feição da pequena propriedade de perfil familiar, conduzida com mão de obra do casal de colonos e de seus muitos filhos.

Uma série de estudiosos, historiadores e pesquisadores, durante décadas, dedicou volumes e artigos ao movimento da colonização daquela região do Vale do Rio dos Sinos e da Serra. Entre eles, a **Gazeta do Sul** referiu o jornalista Felipe Kuhn Braun, com seus diversos livros que resgatam a presença alemã na região e mapeiam características específicas de muitos municípios e cidades, a começar por São Leopoldo, contemplando até São Sebastião do Caí. Ao lado de Braun, o historiador Sandro Blume une-se a esse esforço, com livros em que detalha circunstâncias da colonização regional.

Outra obra de consulta referencial é a do professor Telmo Lauro Müller, falecido, fundador do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo e entusiasta do Instituto Histórico de São Leopoldo, ambientes que a reportagem visitou.

## EXPEDIENTE

- Edição e textos: Romar Rudolfo Beling
- Diagramação: Rodrigo Sperb
- Arte de capa: Derli Gonçalves
- Revisão: Luís Fernando Ferreira
- Arte-final: Rosani Moller Klunk



200 anos

da Imigração Alemã

Os imigrantes alemães trouxeram consigo a essência da cooperação e moldaram a nossa história e de nossas comunidades



200 anos da Imigração Alemã no Brasil: celebrando passado, presente e futuro!

BANDA Munich

51 3719-2192 | 51 9 9911-9859 | Santa Cruz do Sul

2000

ANOS DE IMIGRAÇÃO

ALEMÃ NO BRASIL

# Sementes que originaram uma história onde tradição, cultura e pioneirismo caminham juntos

Atuar em comunidade é um legado que nos une e que inspira. A BAT Brasil orgulha-se em ter sua história entrelaçada à cultura alemã. Celebramos a coragem, fé e trabalho daqueles que, há 175 anos, fizeram de Santa Cruz do Sul e região seu novo lar!

**BAT**  
BRASIL

# Novas colônias espalharam-se por todo o Estado

*A subida da Serra, a partir do Vale do Sinos, e também os vales do Taquari, do Rio Pardo e do Jacuí receberam imigrantes alemães*

**S**e São Leopoldo foi o marco do início da colonização alemã no Rio Grande do Sul e em todo o Sul do Brasil, em questão de poucos anos os imigrantes germânicos iam se espalhando, em novas levas, pelos mais diversos vales e rincões. Isso ocorria tanto em projetos de colonização fomentados pelo Império, logo após a Revolução Farroupilha (1835 e 1845), por esforço do governo da Província. A esses movimentos oficiais ainda se aliam projetos de colônias privadas, idealizadas por empreendedores.

O primeiro momento da imigração foi o que ocorreu entre 1824 e 1830, quando acabou sendo interrompido em razão de distúrbios decorrentes da Guerra Cisplatina, pela qual o Brasil perdeu a sua Colônia Cisplatina, no embate com as Províncias do Prata (atual Argentina), que resultou na independência do Uruguai. E logo seguiu-se a Revolução Farroupilha, que colocou a rotina em todo o Estado em suspensão por uma década.

Foi somente após a assinatura do Tratado de Paz de Ponche Verde, entre os revolucionários gaúchos e o império brasileiro, e já próximo à metade do século 19, que o movimento de colonização e ocupação de áreas pouco habitadas do Rio Grande do Sul foi retomado. Entre as primeiras regiões a receber colonos alemães naquele período estiveram a Colônia Santa Cruz, no interior de Rio Pardo, na área central do Estado; a Colônia Santo Ângelo, atual Agudo, às margens do Rio Jacuí, no Vale do Jacuí Centro; e a área serrana.

Nesse terreno, por exemplo, as primeiras famílias instalaram-se em Nova Petrópolis em **7 de setembro de 1858**, quase em



Pórtico do acesso ao Parque Aldeia do Imigrante, em Nova Petrópolis, na Serra Gaúcha, que a Gazeta visitou em março deste ano

simultâneo à Colônia Santo Ângelo, onde chegaram em 1º de novembro de 1867. A **Gazeta do Sul** visitou o Arquivo Histórico Municipal Lino Grings, junto à Biblioteca Professora Elsa Hofstätter da Silva, e ali pôde tomar contato com o rico legado da imigração em Nova Petrópolis.

Segundo o coordenador do arquivo, Pedro Henrique Scheer, os colonos que chegaram à região eram renanos, pomeranos e boêmios. Até mesmo irlandeses e escoceses, que haviam fugido dos Estados Unidos devido a guerras por lá, foram identificados entre os pioneiros. "As pessoas vieram já cientes de que se fixariam aqui e trabalhariam a terra", comenta. Em toda a área serrana, não foram inco-muns ou casuais os confrontos com indígenas, que antes habitavam toda essa região.

## O antes e o depois

Um historiador, pesquisador e escritor natural de Osório, no Litoral Norte gaúcho, é responsável por uma das mais importantes contribuições na literatura nacional para que se possa compreender mais e melhor o processo de colonização alemã no Brasil. Rodrigo Trespach concedeu entrevista à **Gazeta do Sul** em mais de uma ocasião para enfatizar passagens de seu livro *1824*, que está nas livrarias em nova edição, pela editora Citadel. O título remete ao ano da chegada dos primeiros imigrantes a São Leopoldo. Mas Trespach recua no tempo até as décadas anteriores, em continente europeu, para então descrever o cenário político, econômico e social que motivou e implicou na saída, em massa, de pessoas para outras regiões do planeta. Foi nesse contexto que milhares saíram de cidades, reinos, ducados e condados para tentar nova vida no Brasil ou em outras regiões americanas. A Alemanha como a conhecemos, enquanto nação, sequer existia, o que só viria a acontecer em 1871.



## 200 anos da Imigração Alemã no Brasil

A UNISC celebra o legado deixado pelos imigrantes na história da nossa região, valorizando o trabalho e a cultura dos nossos antepassados.

# E então nasce Santa Cruz

Já na iminência da metade do século 19, os primeiros colonos chegaram ao interior de Rio Pardo em 19 de dezembro de 1849

Foi no processo do segundo movimento de colonização europeia do Rio Grande do Sul, após o encerramento da Revolução Farroupilha, e na iminência da metade do século 19, que os olhares voltaram-se para a área central gaúcha. Isso implicou na ocupação dos vales, como os ao longo do Rio Taquari, bem como no interior dos municípios de Rio Pardo e de Cachoeira, às margens do Rio Jacuí, a meio caminho para Santa Maria.

Nesse momento, o governo da Província idealizou a Colônia Santa Cruz, no interior de Rio Pardo, na estrada que então deveria ligar com a parte de cima da Serra Geral, em direção a Soledade. Assim surgiu a colônia alemã de Santa Cruz, à qual as primeiras famílias chegaram em 19 de dezembro de 1849. Em poucos anos a área florescia intensamente, a ponto de milhares de pessoas terem sido trazidas de territórios germânicos para essas cercanias. O agente de colonização Peter Kleudgen,

Lula Heifer/Banco de Imagens/GS



O Monumento ao Imigrante no entroncamento da Rua Marechal Floriano com a Galvão Costa, na área central de Santa Cruz do Sul

contratado pelo governo da Província, foi um responsável direto por trazer muitos desses colonos.

Em meses e anos foram sendo abertas novas picadas, a partir da primeira, a *Alte Pikade*, atual Linha Santa Cruz. Em pouco tempo as famílias ocupavam pequenas propriedades em Boa Vista, Linha Nova, Mont'Alverne, Travessa, Rio Pardinho (a *Neue Pikade*), e logo surgiam Si-

nimbu, Vila Teresa (atual Vera Cruz), Ferraz e, mais adiante, Candelária.

Todas essas comunidades passaram a se colocar em contato e a manter comércio, influenciando-se mutuamente. A ponto de, mais adiante, parcela delas compor o município de Santa Cruz, independentemente de Rio Pardo, pouco mais de três décadas após a chegada dos pioneiros alemães.

Entre os muitos produtos agrícolas que foram implantados nessa colônia, um logo viria a demonstrar sua pertinência e pleno sucesso: o tabaco. Santa Cruz tornou-se, ao longo do século 20, o maior polo de beneficiamento e exportação de tabaco de qualidade do mundo. As divisas auferidas com o produto têm forte impacto sobre a balança comercial gaúcha e brasileira.

## Nova agência do Sicredi vai integrar presença e proximidade com homenagem e referência.

**Sicredi** | 105 anos  
Vale do Rio Pardo RS

Prestar um atendimento próximo e humanizado é a nossa determinação. Em breve, em Linha Santa Cruz, berço da colonização alemã, faremos isso em um prédio que homenageará os imigrantes.

- Arquitetura no estilo germânico. 🏡
- Memorial dedicado à imigração e colonização alemã. 🇩🇪
- O ambiente acolhedor de sempre. ❤️

A inauguração deverá ocorrer em 14/12/2024, integrando as comemorações oficiais alusivas ao bicentenário da imigração alemã no Brasil.

Projeto



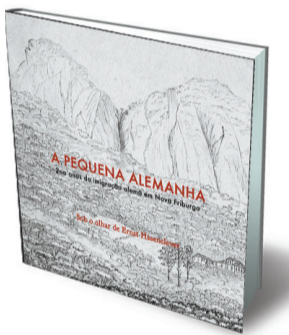
Execução



sobe\*

# Contribuições foram relevantes em todas as regiões brasileiras

A partir da Corte, a região Serrana do Rio de Janeiro e igualmente Minas Gerais também acolheram muitos imigrantes



Os primeiros imigrantes alemães chegaram ao Vale do Rio dos Sinos, a atual São Leopoldo, em 25 de julho de 1824. Curiosamente, mais de dois meses antes dessa data, em 3 de maio daquele ano, um grupo de germânicos já havia sido instalado em Nova Friburgo, na região serrana do Rio de Janeiro, a 130 quilômetros da então capital do Império. Era o primeiro movimento dentro do processo de colonização alemã promovido pelo Império. Naquela localidade já existia uma colônia formada por imigrantes suíços, em 1819 e 1820, e os alemães a estes se juntaram. A diferença é, que por lá, ao contrário do que aconteceu no Sul do País, a colonização não obteve o mesmo pleno sucesso, nem houve continuidade com a chegada de novas levas nos anos seguintes.

De prático, aquele esforço de fixação de imigrantes alemães resultou na implantação da primeira igreja protestante em território brasileiro. Esse pioneirismo remete justamente ao dia 3 de maio, tido como o momento em que os primeiros evangélicos luteranos se estabeleceram, começando a professar a sua fé por aqui.

Fotos: Divulgação/GS



Ambiente da área central de Nova Friburgo, na região serrana do Rio de Janeiro, onde imigrantes alemães chegaram também em 1824

Quem contribuiu para resgatar essa parte da história foi o pastor e historiador santa-cruzense Arminio Müller, falecido em 29 de novembro de 2022, aos 80 anos. Müller foi pároco da Comunidade

Evangélica de Nova Friburgo, depois de ter atuado em Santa Cruz e em Arroio do Tigre. Quando se estabeleceu na Serra do Rio de Janeiro, Müller passou a investigar as marcas da imigração e a presença protestante, compartilhando suas reflexões e seus levantamentos no livro *O começo do protestantismo no Brasil*, publicado em 2004.

Mais recentemente, um outro livro, em acabamento luxuoso, alia-se a esse esforço de registro. É a obra *A pequena Alemanha*, que teve a participação fundamental da historiadora Vanessa Cristina Melnixo, de 34

anos, expoente da nova geração de investigadores do passado regional.

Nesse documento, evidencia-se que, se o primeiro movimento de colonização, em 1824, não chegou a ter ampla expressividade regional, novas levas de imigrantes, inclusive já no início do século 20, trouxeram importantes empreendedores à cidade. Nas décadas seguintes, a industrialização local evidenciou a forte e decisiva participação de alemães. O mesmo aconteceu em outras cidades serranas, como Teresópolis e Petrópolis, e igualmente em Juiz de Fora, em Minas Gerais.

## 200 ANOS DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ

Nossa homenagem aos imigrantes alemães que contribuíram com seu legado através da música.



51. 9928.1125 @superbandasantacruz

## Entre catarinenses e paranaenses

Já entre os primeiros projetos de colonização com alemães no Sul do Brasil, em 1829, começou a povoação de uma área do Paraná, que resultaria no município e na região de Rio Negro, próximo à divisa com o Estado de Santa Catarina. Pois foi justamente essa localização, em limites de duas unidades da federação, que desencadeou, entre 1912 e 1916, a Guerra do Contestado, quando essa fronteira acabou sendo questionada pelas vias de fato. No final, o Rio Negro foi definido como o marco divisório. Toda a parcela da colônia alemã original que se situava na parte meridional tornou-se o município catarinense de Mafra, num raro caso de uma mesma colônia que se desdobrou em dois estados, ou que se transformou em dois núcleos.

Em diferentes momentos ao longo das décadas, a partir do final dos anos de 1820, alemães se instalaram em várias regiões de Santa Catarina e do Paraná. Já no século 20, um outro e intenso movimento migratório emergiu nas colônias alemãs dos vales do Rio Grande do Sul, quando sucessivas levas se dirigiam para o Noroeste gaúcho, para novas colônias que ali iam sendo criadas, várias delas por iniciativa privada, de empreendedores. Em um processo continuado, outros projetos de colonização similares surgiram no Oeste de Santa Catarina e depois no Oeste do Paraná, já próximo de Foz do Iguaçu.

Hoje, milhares de descendentes de alemães de famílias que emigraram do Rio Grande do Sul para essas áreas mantêm contato com seus parentes ainda estabelecidos em solo gaúcho. E de lá outros avançam para Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás e vários outros estados.

# A vez dos alemães paulistas

A maior metrópole do Brasil e da América Latina recebeu imigrantes alemães em vários momentos na história

A região Sul do Brasil efetivamente foi a que, ao longo de dois séculos, apresentou as mais fortes e visíveis marcas decorrentes da imigração alemã. Cidades inteiras surgiram em virtude da fixação dos primeiros colonos, e as próprias feições, bem como o ambiente cultural, do Estado foram alteradas em definitivo.

Mas não foi apenas o Sul que registrou uma participação efetiva e relevante dos germânicos. A região Sudeste, com destaque para Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, não ficou muito atrás nesse movimento de atração de imigrantes. São Paulo, em especial, por volta da década de 1860, tinha cerca de 3 mil alemães em uma população que, na época, era de aproximadamente 30 mil habitantes. Ou seja, 10% da população era oriunda de territórios que formariam a nação alemã a partir de 1871.

A pesquisadora Sílvia Cristina Lambert Siriani documentou em um livro, *Uma São Paulo alemã*, as suas importantes descobertas, como ressaltou em entrevista para a **Gazeta do Sul**. E essa metrópole com feições ou cultura germânicas



Divulgação/GS



Companhia Antarctica Paulista, uma de muitas empresas com DNA alemão em São Paulo, que acolheu os imigrantes desde 1827

começou a ser forjada em 1827, apenas dois anos depois que os primeiros colonos haviam se fixado em São Leopoldo. O movimento migratório para a capital e a região de entorno seguiu ao longo das décadas, e mesmo no século 20 muitos profissionais e empreendedores optaram por se fixar ali, atraídos pelas vagas de emprego em fábricas de origem alemã.

Mesmo na atualidade, áreas metropolitanas, como a de Parelheiros, na zona sul da cidade, onde se fixaram alguns dos pioneiros, mantêm vivas as tradições. Por lá acontece até mesmo uma Colônia Fest, em junho, em alusão ao dia 29 de junho

de 1829, quando os primeiros imigrantes chegaram ali.

A partir do momento em que a celebração foi adotada, em 2006, até mesmo grupos de danças, bandinhas e outros elementos surgiram. Muitos dos descendentes de alemães residentes na área são ainda hoje agricultores, como seus antepassados.

Em todas as regiões brasileiras nas quais houve projetos de colonização com imigrantes alemães, a chegada do bicentenário, em 2024, motivou eventos e momentos para reflexão e celebração. Não foi diferente no Sudeste, tanto em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, quanto em São Paulo. A mídia igualmente abriu espaço para

reportagens e documentários, com entrevistas de pesquisadores ou lideranças, tanto em jornais quanto em emissoras de rádio e canais de TV.

Em São Paulo, como enfatizou a pesquisadora Sílvia Cristina Lambert Siriani, um evento foi realizado no dia 1º de junho, no Museu da Imigração, vinculado à Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo, em parceria com o Consulado-Geral da Alemanha em São Paulo.

Ainda houve projetos de colonização com alemães no Sul e em outras áreas da Bahia. Em muitas cidades, as marcas culturais dos imigrantes continuam presentes.

## Há pomeranos entre nós

Entre os muitos povos alemães de diferentes origens regionais que migraram para o Brasil nos séculos 19 e 20 estavam pomeranos. Oriundos do litoral do Mar Báltico, eles se instalaram nas mais diversas colônias tanto no Rio Grande do Sul quanto no Sudeste. Em território gaúcho, a sua identidade é mais saliente no Sul do Estado, em São Lourenço do Sul e Canguçu, como salienta o escritor Jairo Scholl Costa, que a eles dedicou um romance, *O pescador de arenques*. Nessa obra, registra a odisséia do povo pomerano, da Europa para o Sul do Brasil. E ainda em Santa Cruz do Sul, Sinimbu e Agudo a sua presença é marcante, constituindo localidades.

No Sudeste, o destaque fica com o Espírito Santo, no qual os pomeranos se estabeleceram na região serrana. Municípios e cidades como Santa Maria de Jetibá, que se anuncia como a Cidade Mais Pomerana do Brasil; Domingos Martins, Vila Pavão e outras celebram as suas fortes raízes pomeranas. Que, por sinal, resultaram em muitos livros, assinados por autores como o pastor e historiador Helmar Rölke e a historiadora Cione Maria Raasch Manske, autora de *Pomeranos no Espírito Santo*.

Em solo capixaba, os descendentes de pomeranos ainda preservam a língua, que é ensinada nas escolas, e se mobilizam em projetos e atividades culturais na dança, na música e na culinária. Celebram o casamento típico, com a noiva usando vestido preto, e difundem os seus pratos típicos, saboreados em família. O mesmo ocorre em praticamente todos os estados para os quais houve imigração alemã no Brasil, e que seguem mantendo vivos hábitos, costumes e tradições.



O Colégio Mauá é fruto do valor da educação que os imigrantes trouxeram quando aqui chegaram. Somos herdeiros de um grande legado.

@colegiomaua

Colégio **Mauá**  
Santa Cruz do Sul

MATRÍCULAS  
ABERTAS

(51) 3711-2144 | www.maua.g12.br | @colegiomaua

# Um esforço conjunto para registrar a memória viva da imigração

*Projeto buscou viabilizar o registro audiovisual das memórias que as pessoas idosas guardam a respeito do passado e dos ancestrais*

**Rafael Koerig Gessinger**

Professor e advogado, presidente da comissão oficial instituída pelo governo do Rio Grande do Sul para marcar o Bicentenário da Imigração Alemã  
*Especial para a Gazeta do Sul*

A importância da imigração alemã para o Rio Grande do Sul e para o Brasil foi enorme. Educação, agricultura e indústria, para ficar em apenas três exemplos, foram contribuições diretas dos imigrantes de fala alemã. No caso da educação, a revolução teve a ver com homens e mulheres para os quais o conhecimento era algo valioso em si mesmo: não esperaram o poder público, mas construíram e organizaram eles mesmos suas próprias escolas! Felizmente, a semente deu frutos e hoje temos uma rede de ensino, pública e privada, que forma nossas crianças, adolescentes e jovens em todo o Estado.

Pensando em integrar os estudantes e suas famílias à celebração dos 200 Anos da Imigração Alemã (1824-2024), a Comissão Oficial do Bicentenário, em parceria com a Univates, elaborou uma ação que tem tudo para ser um dos grandes legados deste ano histórico. Trata-se do projeto "Documentando a Experiência da Imigração no Rio Grande do Sul", que consiste no registro audiovisual das memórias que as pessoas mais idosas de cada família ainda guardam a respeito do passado e de nossos ancestrais.

Em resumo, o estudante, munido do roteiro básico disponibilizado no site <https://cultura.rs.gov.br/projeto-documentando-a-experiencia-da-imigracao-no-rio-grande-do-sul>, chega em casa e convida seu avô, sua bisavó, o tio ou algum parente mais velho para uma conversa sobre o passado. Com o seu celular no modo filmagem, o es-



Na arte: "Hamburgo Velho", popularmente conhecida como forno de pão, tela de Ernesto Frederico Scheffel que foi pintada em 1956

tudante vai fazendo as perguntas do roteiro enquanto grava as respostas, que podem ser dadas na língua que o entrevistado preferir, português, alemão ou qualquer outro idioma.

O importante é o entrevistado se sentir bem para compartilhar suas lembranças. A atividade não está restrita a quem tem origem alemã, todas as origens estão convidadas. Também sugerimos que os professores possam trabalhar previamente em sala de aula sobre processos migratórios e a história da região. Aliás, eles também podem participar. Concluídas as gravações, elas deverão ser enviadas para a plataforma indicada no site e serão armazenadas na Univates, com o que passaremos a ter um tesouro para a posteridade.

A iniciativa está ligada à educação, mas é ao mesmo tempo uma ação de fortalecimento de vínculos familiares e sociais, uma ação de memória e cidadania, uma ação que coloca as coisas mais importantes em primeiro lugar: as pessoas e suas vidas. O Bicentenário da Imigração Alemã é também um processo de autoconhecimento coletivo. Viva o Bicentenário e o Rio Grande do Sul!



Professor Rafael Koerig Gessinger

Cartaz de divulgação do projeto, feito em parceria com a Univates, que acolhe o acervo

Nestes 200 anos de história, nossos imigrantes, através do trabalho, da cooperação e da fé, foram os responsáveis pela consolidação de nossa cultura, religião e sociedade.

Centro Cultural 25 de Julho  
Santa Cruz do Sul

@centrocultural25dejulho scs  
3715.3898

200 ANOS da Imigração Alemã

@eisstocksportbrasil

A Federação Gaúcha Desportiva de Eisstocksport parabeniza o povo alemão pela coragem e pelo trabalho!